

# Através do véu

Virgínia Soares



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE BELAS ARTES

# Através do véu

Virgínia Soares

**Orientação:**

Professor Dr. Roberto Bethônico Figueiredo

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais

Habilitação em Desenho

Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais

**Belo Horizonte**

**2018**



*Dedico este trabalho a paciência,  
e amor da minha família.*



## Sumário:

1. Resumo.....	09
2. Multiplicidade teórica da cor.....	11
3. Teoria da cor: diferentes períodos históricos.....	13
4. Visão física e primeiro contato com a cor.....	17
5. Primeiro trabalho: Paleta restrita.....	25
6. Segundo trabalho: Singularidade.....	31
7. Terceiro trabalho: Atmosferas.....	35
8. Visão psicológica.....	44
9. Geração interna da cor.....	45
9.1. Percepção de mundo.....	46
9.2. Filosofia da percepção.....	48
10. Quarto trabalho: Relevo.....	50
11. Considerações finais.....	61
12. Referências.....	63





# 1. Resumo

*"Quando falamos sobre cores, somos prisioneiros da linguagem. "*

*- Albers, Josef*

Este trabalho relata a minha produção artística relacionada ao uso das cores desenvolvida ao longo do curso de Artes Visuais, bem como as investigações teóricas que geraram as obras. Abordo questões sobre a diversidade de teorias relacionadas às cores; a paleta visual restrita de um daltônico; o efeito psicológico da cor e as diferenças de percepção de mundo que afetam diretamente a experiência do espectador diante de uma obra.



## 2. Multiplicidade teórica da cor

*“Cor é natureza, e cores são cultura.”*

*- Batchelor, David*

Diante da diversidade de teorias envolvendo cores, sempre me questioneei se existia um conceito padrão. Durante minha pesquisa, pude perceber que as formas de utilização de cores sempre mudaram com o passar dos anos. Segundo Correa (2013, p.24), a oposição entre cores quentes e frias é puramente convencional e vivenciada diferentemente em épocas distintas. A cor azul, na Idade Média e no Renascimento, era considerada uma cor quente ao passo que, colocar as cores vermelha e verde em uma composição, era considerado um contraste fraco; sendo que hoje é um dos contrastes mais fortes por ser a união de uma cor primária e com uma cor secundária. Na arte uma teoria cromática não invalida outra necessariamente, já que cada momento histórico utiliza os princípios referentes à cor de acordo com o pensamento de sua época, costumes e tecnologia. Na avaliação sobre a cor realizada por Michel Pastoureau em *Dictionnaire des couleurs de notre temps*, ele esclarece no prefácio que:

“Sou desses que avaliam a cor como um fenômeno cultural, estreitamente cultural, que se vivencia e se define diferentemente segundo as épocas, as sociedades, as civilizações. Não há nada de universal na cor, nem na sua natureza, nem na sua percepção. Assim, não acredito na possibilidade de um discurso científico unívoco sobre a cor, fundado unicamente sobre as leis da física, da química, das matemáticas ou da neurobiologia. Para mim, uma cor que não é olhada é uma cor que não existe. O único discurso possível sobre a cor é, antes de tudo, um discurso de natureza social e antropológica.” (PASTOUREAU, 1992, p.9)

Portanto poderíamos afirmar que, segundo o autor, existem diversos discursos sobre a cor de natureza social e antropológica, de natureza física, química, matemática e da neurobiologia. A cor conecta e chama diferentes categorias do saber, nos leva por caminhos de travessia. Desta forma, pude perceber que percorri por alguns desses caminhos durante o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso sobre os quais explorarei mais adiante.

### 3. Teoria da cor: diferentes períodos históricos

Ao longo da história da humanidade surgiu-se o interesse em estudar as cores para maior entendimento do seu funcionamento e aplicação. Em um acúmulo de conhecimento, as cores foram enriquecidas de subjetividade, sendo utilizadas em atos religiosos, fúnebres, sociais, comemorativos e de guerra. Com o tempo surgiram códigos cromáticos que variaram de acordo com a época e o meio social em uma tentativa de reduzir a multiplicidade da cor em elementos básicos. A seguir, explorarei brevemente através de tópicos, alguns períodos históricos onde o discurso da cor está presente e algumas de suas principais contribuições.

#### **Antiguidade**

As primeiras teorias da cor se originaram na Grécia antiga através da filosofia. Existia um debate envolvendo cor, desenho e representação da imagem como uma imitação da realidade estética. Empédocles relacionou cores com os quatro elementos sendo o branco associado ao fogo, o preto a água, vermelho a terra e o amarelo ao ar. Platão teorizou que o nosso olhar lança um raio em direção aos objetos a partir da qual nascem as cores, sustentando o visível. Aristóteles retorna à teoria de Empédocles e reconhece a existência de cinco cores, além do preto e do branco: amarelo, vermelho, violeta, verde e azul. Ele também inicia a constatação da mistura entre as cores e percebe o valor relativo de uma cor em relação ao fundo em que se é observado.

#### **Medieval**

Nesse período, predominou-se o pensamento aristotélico e platônico. A teologia ocupa o campo de discussão referente a cor, questionando a utilização de cada uma delas nas pinturas religiosas e nas vestimentas. Robert Grosseteste no século XIII, elaborou o seu

tratado *De colore* onde diferencia as cores das outras que ele considerava incolores, sendo estas o branco, o cinza e o preto. Ele considerava a luz uma emanção divina e essa concepção levou as autoridades eclesiásticas a criar um sistema de aplicação de cores que perdurou até o Renascimento, restringindo o seu uso.

## Renascimento

Com o surgimento de pintores teóricos, é introduzido um debate em torno de definir o que é mais importante: o desenho ou a pintura. Nessa fase, a cor é vinculada a mistura das tintas da paleta do pintor e não mais a observação de fenômenos e suas aplicações religiosas na definição do sistema de cores. Leonardo da Vinci estava interessado na cor do ponto de vista óptico, físico, químico e fisiológico, porém seus escritos se dirigiram fundamentalmente aos pintores. Para ele, a produção de todas as cores existentes no mundo se originavam da mistura do vermelho, amarelo, verde e azul. O preto e o branco serviam para revelar o valor da cor, através do grau de luminosidade.

## Idade Moderna

Em 1666, Newton criou sua teoria explicando o fenômeno de forma científica, definindo as cores como qualidade da luz e não dos objetos iluminados. Ele utilizou um prisma, onde foi possível visualizar que a luz branca proveniente do sol, dá origem a todas as cores. Para ele, as cores principais eram: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e violeta.

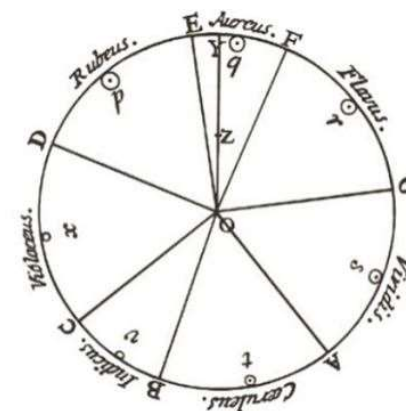


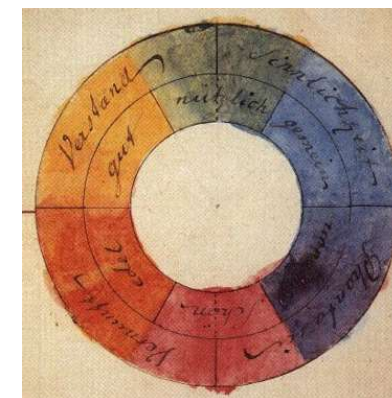
Figura 1 - Círculo cromático, ilustração do tratado *Opticks* de Isaac Newton, 1704

## Idade Contemporânea

Através do trabalho de Goethe com a Doutrina das Cores em 1810, a dimensão simbólica e sensível da cor alcançou grandes proporções, não vinculando as cores apenas aos aspectos físicos mecanicistas derivados de Newton mas também ao âmbito psicológico. Assim, para Goethe a cor tem três dimensões: física, fisiológica e psicológica. O amarelo representa a luz e o azul a escuridão e essas são para ele as cores primárias. Ele associou seu círculo cromático também a capacidades espirituais, relacionando as seis cores com quatro temperamentos. Goethe amplia as possibilidades de abordar e de se expressar através da cor, influenciando artistas das próximas gerações.

## Modernismo

Com a fundação da Bauhaus em 1919, vários artistas como Jonathan Itten, Paul Klee e Kandinsky, fizeram estudos aprofundados sobre cores num âmbito espiritual, científico, psicológico e poético. Kandinsky e Paul Klee desenvolveram uma ampla pesquisa teórica e prática entre as relações simbólicas e espirituais da forma e da cor, fazendo uma analogia com as forças da natureza. Johannes Itten identificou os temperamentos dos alunos baseados nas preferências cromáticas. Kandinsky, Klee e Itten, dedicaram-se a independência das cores e das formas integrando não só a base dos conceitos expressionistas, como também dos abstracionistas. Nesse período, a oposição entre desenho e cor, tão discutida anteriormente, deixa de ser pertinente pois o próprio desenho nasce da cor.

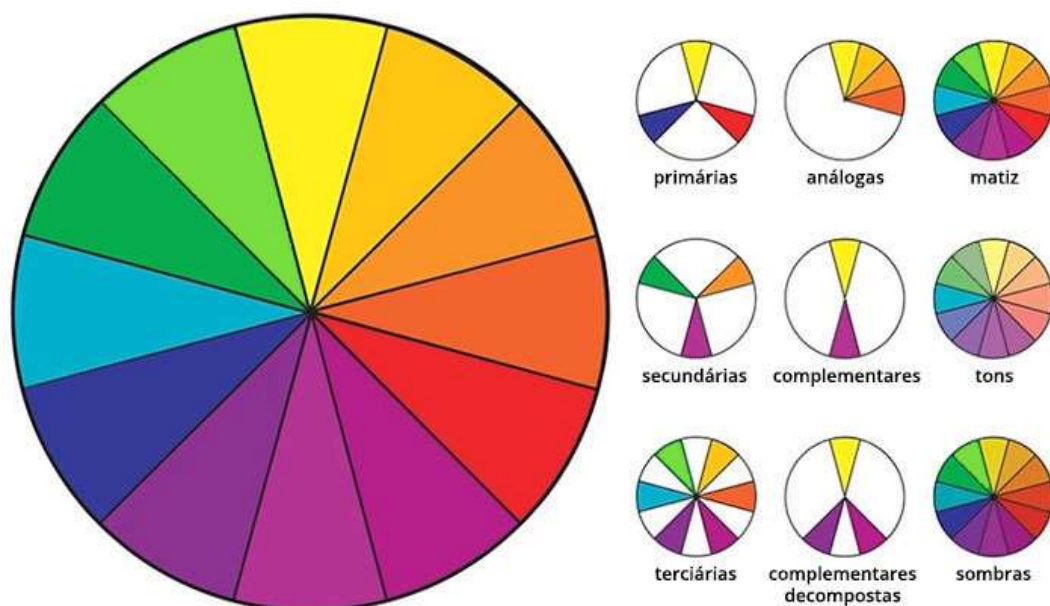


*Figura 2- Círculo cromático do livro Teoria das Cores (1810), de Goethe.*



*Figura 3 - Red Balloon. Paul Klee (1922)*

O surgimento da fotografia impeliu pintores a uma nova concepção estrutural e poética da pintura em si e essa estética segue um caminho que culmina na autonomia da cor na pintura. O sistema de cores utilizando primárias e complementares desenvolvidas no modernismo, passou a ser a principal visão das cores, perdurando até os dias atuais.



*Figura 4 - Círculo cromático atual e a relação entre as cores*



## 4. Visão física e primeiro contato com a cor

Meu interesse pela cor surgiu durante disciplinas iniciais do curso onde fui estimulada a testar várias combinações cromáticas diferentes. Durante esse período, comecei também a realizar pinturas digitais no computador através de uma mesa digitalizadora e isso me trouxe maiores possibilidades de experimentação. Como a cor passou a ser o meu foco de interesse, comecei a pesquisar mais sobre o assunto através da perspectiva da física. Fiquei fascinada com assuntos que já havia estudado anteriormente, mas que agora me traziam um novo entendimento, como o fato de que nenhum objeto é naturalmente colorido pois o que faz o mundo ter cor, é a luz. “Quando a luz é capaz de agir sobre o olho humano produzindo visão, é chamada de luz visível.” (L.P.M. Maia, pag. 10, 1960).

A luz é uma onda eletromagnética e onda é uma perturbação que se propaga transportando energia sem transportar matéria. Ondas eletromagnéticas são ondas compostas por campo elétrico e magnético. James Clerk Maxwell em 1861 criou equações que descreviam o fenômeno eletromagnético e mostrou que a luz visível é apenas uma pequena faixa no espectro como mostra a imagem a seguir:

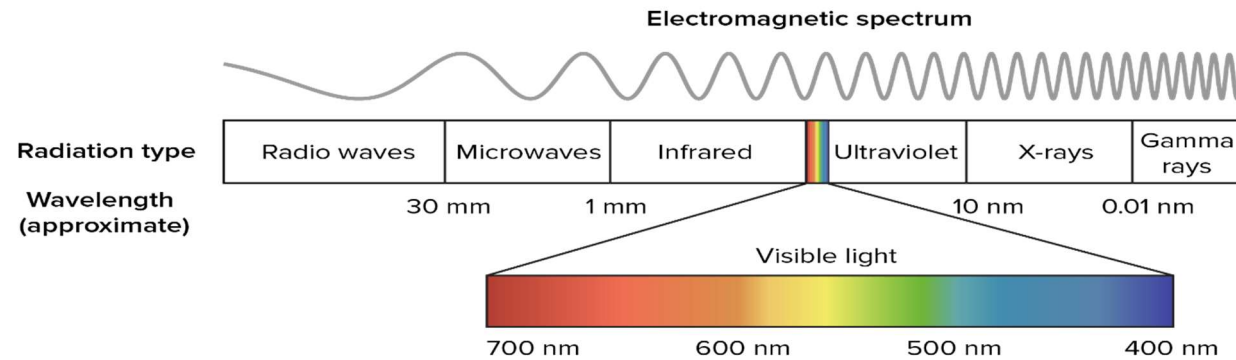


Figura 5 - Fonte: Espectro eletromagnético. Ilustração: Peter Hermes Furian

Existem seis tipos de ondas, sendo elas:

- **Rádio:** Ondas de maior frequência. São usadas nas comunicações, como rádio e televisão.
- **Micro-ondas:** Usadas em radares, telefones e forno de micro-ondas.
- **Infravermelho:** Além de ser usado em controle remoto e tratamento estéticos, é também a onda que o corpo humano emite. Todo corpo quente emite uma onda eletromagnética e a frequência da onda depende da temperatura. Se o corpo humano tivesse uma temperatura mais elevada, ele emitiria luz visível e brilharia no escuro. Materiais que são aquecidos, mudam de cor porque alteram a frequência, como é o caso do cadeado aquecido da figura 6.

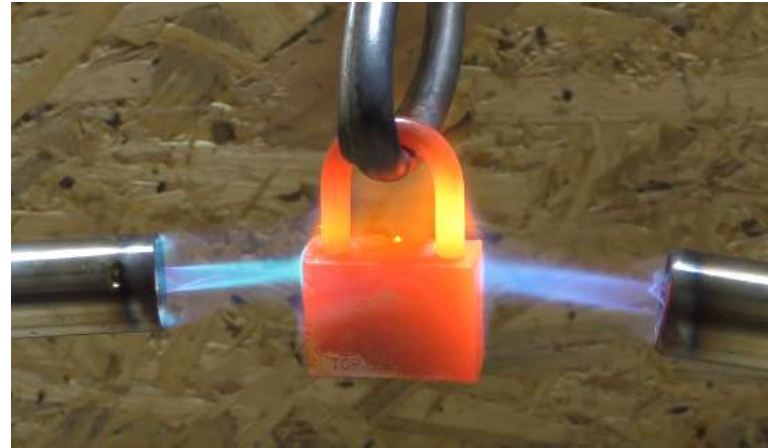


Figura 6: Fonte:  
<https://www.youtube.com/watch?v=FHkax77tgEA> Acesso em: 28  
de maio de 2018.

- **Luz visível:** Parte do espectro que nosso olho consegue interpretar. A frequência da onda determina a cor da luz.
- **Ultra-violeta:** Usado em lâmpadas fluorescentes e esterilização.
- **Raio-x:** São capazes de penetrar em organismos vivos e atravessar tecidos de menor densidade. São usados em diagnósticos.
- **Raio-gama:** Encontrados em eventos astronômicos.

Como vimos, nem toda onda de luz é visível ao olho humano. O mundo se apresenta de forma diferente diante de cada tipo de luz que o ilumina. Estrelas brilhantes por exemplo, são invisíveis à luz dos raios gama. Carl Sagan em seu livro *Bilhões e Bilhões na virada do milênio* diz que:

Somos preconceituosos a favor da luz visível. Somos os chauvinistas da luz visível. É o único tipo de luz a que nossos olhos são sensíveis. Mas se nossos corpos pudessem transmitir e receber ondas de rádio, os humanos primitivos poderiam ter se comunicado entre si a grandes distâncias; se pudessem perceber os raios X, nossos ancestrais poderiam ter examinado proveitosamente o interior oculto de plantas, pessoas, outros animais e minerais. Então por que não desenvolvemos olhos sensíveis a essas outras frequências da luz? (SAGAN, 1997, p.29)

Sagan conclui dizendo que cada material gosta de absorver luz em uma certa frequência. A luz dos raios gama é absorvida pelo ar, ao contrário da luz visível. Uma das razões que vemos a luz visível é porque esse é o tipo de frequência que mais passa pela nossa atmosfera. O sol produz mais ondas de luz visível do que dos outros tipos e, de forma incrível, o olho humano é mais sensível à frequência exata da parte amarela do espectro na qual o Sol é mais brilhante. Uma flor vermelha absorve as cores e reflete o vermelho. Cada corpo absorve uma frequência e reflete ou não uma cor. A diferença entre preto e branco não é uma questão de cor, mas de quantidade de luz que eles refletem. Nossa pele reflete um pouco mais de luz em direção à ponta vermelha do espectro da luz visível do que em direção à azul e somente nessas frequências e nas adjacentes que existem diferenças significativas na reflexividade da pele. “Na maior parte do espectro, todos os humanos são negros.” (SAGAN, 1997, p.31). Pensar que todos somos da mesma cor dependendo do tipo de luz que nos ilumina faz perder o sentido qualquer preconceito existente.

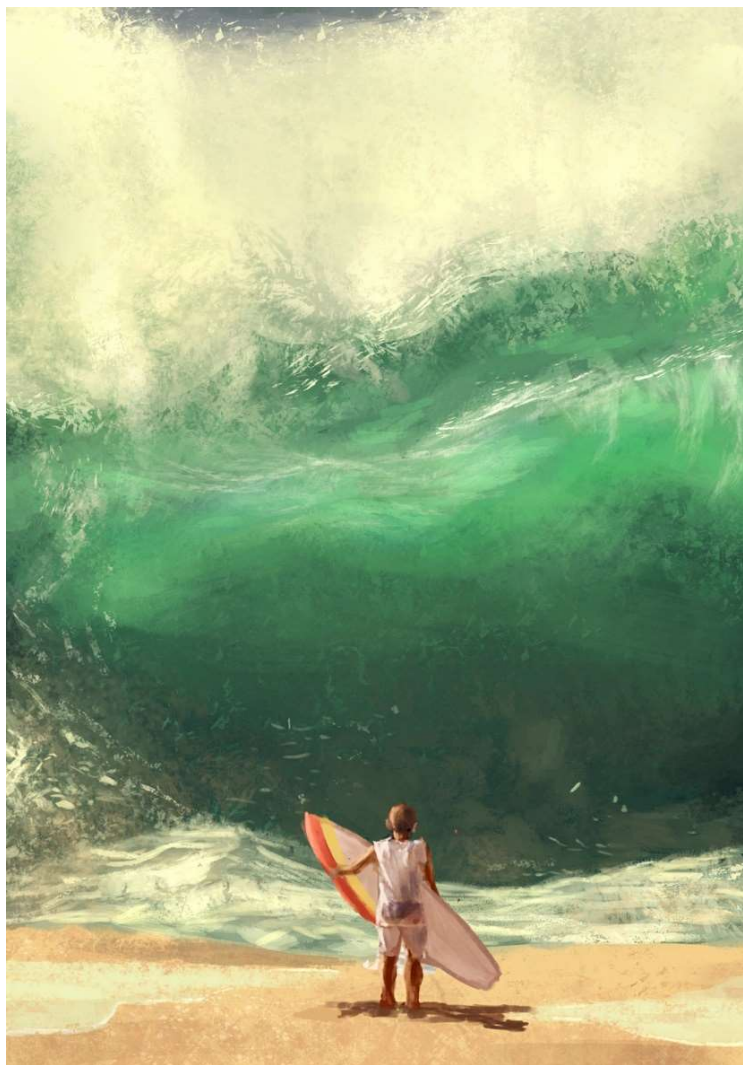
Mas o que aconteceria se o Sol emitisse mais em outra frequência do que na luz visível? Provavelmente teríamos evoluído de forma que o nosso cérebro traduzisse essas frequências em cores. Alguns animais com hábitos noturnos evoluíram para enxergar infravermelho, já que essa é a frequência mais disponível no escuro, uma vez que todo corpo com temperatura acima de zero emite

infravermelho. Se a cor está no cérebro e não no objeto, então podemos evoluir para quem sabe um dia, traduzir também outras frequências em novas cores. Pintar o mundo em novas nuances.

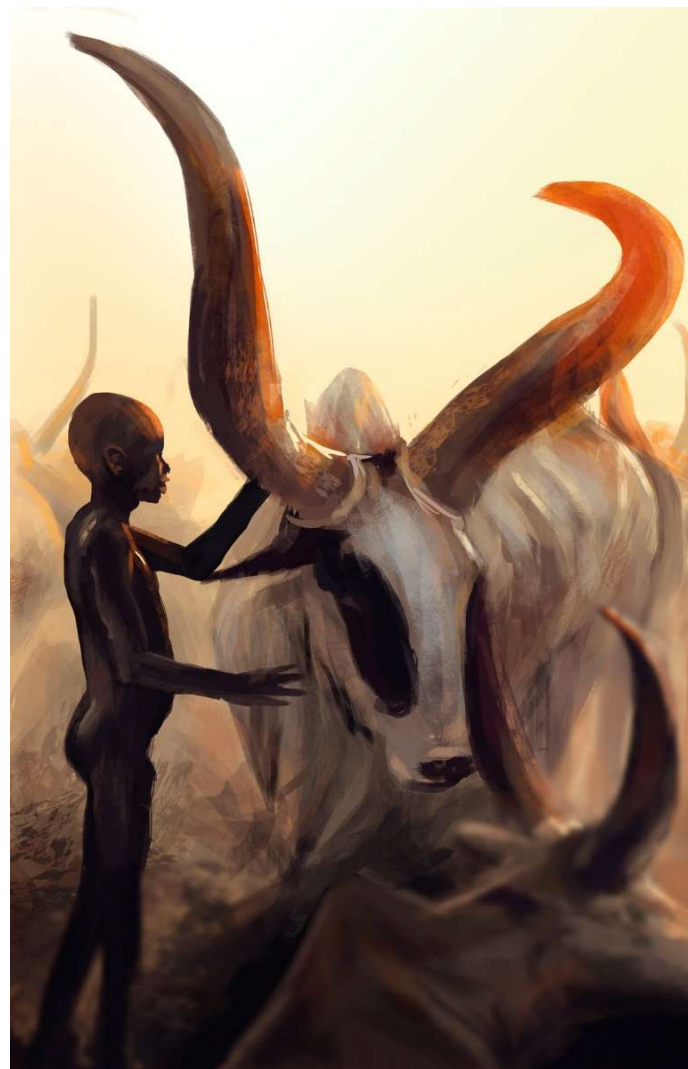
Através dos estudos físicos realizados, me familiarizei com a propriedade dos materiais e em como a luz interage com cada um deles, modificando suas cores. Utilizei os estudos como forma de aperfeiçoamento da interação entre as cores nos meus próximos estudos



*Figura 7 – Lonely Mushroom (2016)*

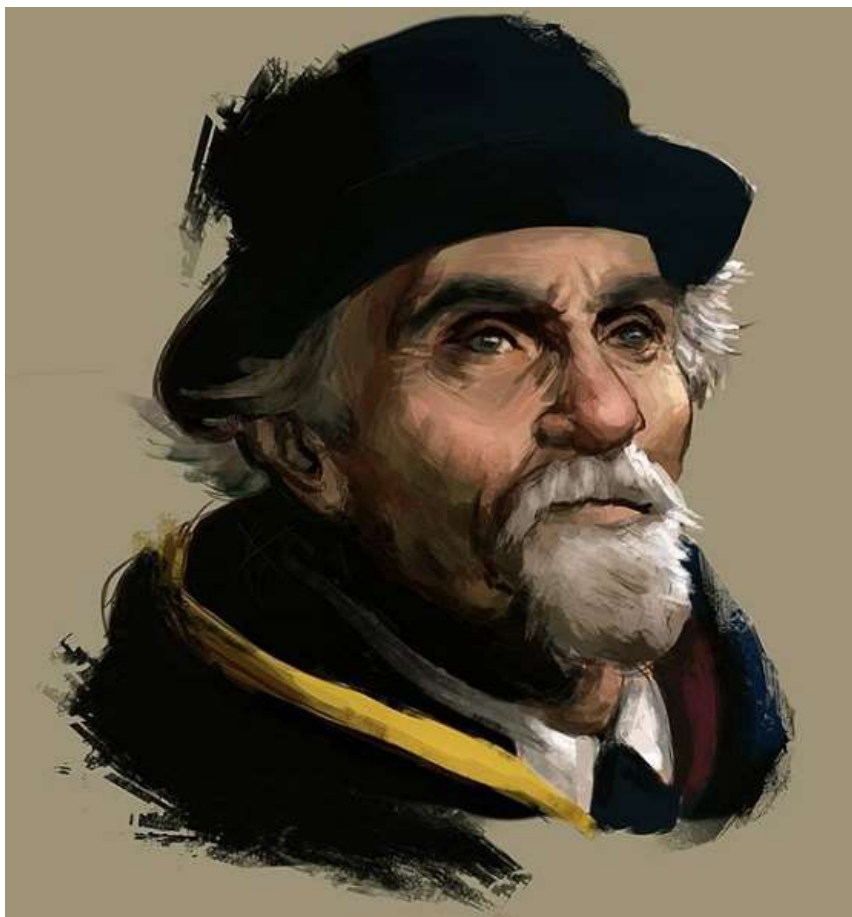


*Figura 8 - Coragem (2016)*



*Figura 9 - Amizade especial (2016)*





*Figura 10 - The Landlord (2016)*



*Figura 11 - Zimou Tan (2016)*





## 5. Primeiro trabalho: Paleta restrita

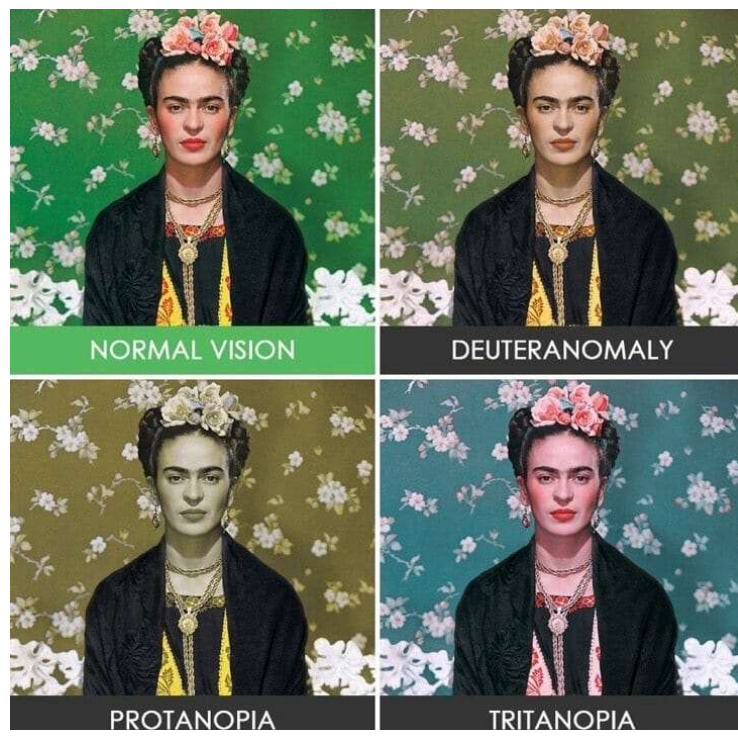


Figura 12 - Imagem da Frida Kalho com cores representando diferentes tipos de daltonismo. Fonte: <http://www.vogue.mx>

Enquanto pesquisava fisicamente sobre cor e praticava em cenários e retratos os conceitos aprendidos, me deparei com a singularidade dos daltônicos. De todas as cores do mundo, nós enxergamos três primárias. Já os daltônicos, enxergam apenas duas, uma ou nenhuma cor primária<sup>1</sup>. Me intrigou o fato dos daltônicos possuírem uma paleta própria. O tipo mais comum, não enxerga a cor primária vermelha, portanto, o mundo é pintado apenas com amarelo, azul e a mistura dos dois: o verde.

Diante desse fato, eu quis fazer uma série de aquarelas retratando o mundo a minha volta com cores limitadas. Quis sentir de perto como é ver o mundo com a ausência do vermelho. Produzi imagens fragmentadas de cenas pela minha casa, buscando um outro olhar. Escolhi criar uma forma de expor em que dependendo do ângulo só é possível ver certas obras, sendo então, necessário o deslocamento para observar o restante. Com isso, faço um exercício com o espectador de enxergar o mundo por um outro ângulo de

<sup>1</sup> Em Pingelap, uma ilha do pacífico, 10% das enxergam apenas em preto e branco. Essa condição afeta 0,00003% da população mundial. Fonte: [www.bbc.com](http://www.bbc.com). Acesso em junho de 2018.

forma física e cromática. De um lado da série nota-se a presença de tons mais amarelados, e do outro lado, tons azulados. Escolhi uma parede com fundo amarelo para influenciar na percepção das cores, deixando a presença apenas do amarelo, do azul e suas misturas em toda a composição. O resultado são cores frias e melancólicas. Essa combinação retrata o universo pessoal de milhões<sup>2</sup> de pessoas. São com essas cores que eles sentem, criam memórias e sonham.



*Figura 13 - Perspectiva frontal das aquarelas*

---

<sup>2</sup> Estima-se que no mundo 8% dos homens e 0.5% das mulheres do mundo são daltônicos. Fonte: <http://www.colourblindawareness.org/>. Acesso em junho de 2018.



*Figura 14 - Lado A / Imagens com predominância de tons do azul (2017)*





*Figura 15 - Lado B / Imagens com predominância de tons amarelos (2017)*

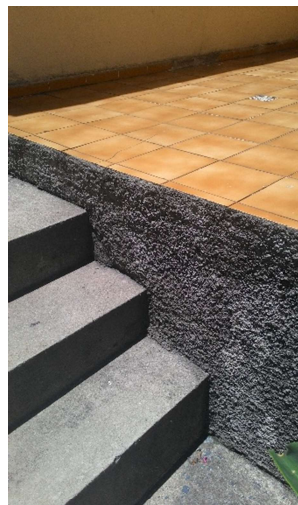


*Figuras 16- As 5 imagens do lado com tons de amarelo*



*Figuras 17 - As 5 imagens do lado com tons de azul*





*Figura 18 - Comparativo de algumas das fotos tiradas que serviram de referência, com a respectiva representação em aquarela, demonstrando a diferença de uma mesma cena diante da ausência do vermelho*

## 6. Segundo trabalho: Singularidade

Há combinações subjetivas em que um matiz domina quantitativamente - todos os tons têm um acento vermelho, ou amarelo, ou azul ou verde, ou violeta -, de forma que se é tentado a dizer que tal pessoa vê o mundo banhado por uma luz vermelha, amarela ou azul. É como se visse tudo através de uma lente colorida, talvez com pensamentos e sentimentos coloridos correspondentemente. (ITTEN, 1973 p.79)

Através dessa citação de Johannes Itten, percebi que não apenas os daltônicos possuem uma paleta própria, mas cada pessoa pode enxergar nuances diferentes de cores no mundo. Posso ver o mundo mais amarelado do que outra pessoa e com isso, ter um outro tipo de experiência visual e sensorial. Por essa razão, fiz pinturas de dois rostos. Objetivo era os rostos olharem na direção do espectador, dessa forma, o espectador olha para obra, e a obra olha de volta. Entre o olhar do espectador para a imagem e da imagem para o espectador, existe um véu. Uma camada com uma única cor, representando o fato de que podemos olhar para o mundo com um filtro colorido nos olhos. Temos particularidades físicas que transformam a nossa experiência com a cor em algo muito singular. Utilizei como material físico desse véu, um plástico transparente colorido em cada rosto, sendo verde no homem e vermelho na mulher, representando o distinto olhar que cada um lança ao mundo. Dessa vez utilizei a pintura digital como meio de produção por ter mais facilidade e prática para conseguir os resultados visuais que eu queria na produção dos rostos. Das minhas experimentações anteriores com arte digital, sempre imprimia em papel sulfite. Dessa vez, quis experimentar ver as imagens impressas no tecido e o resultado foi bem positivo. As cores deixaram de ser tão vivas e vibrantes e ganharam tons mais naturais de pele, porém a escolha do material para representar o véu gerou incomodo. O plástico colorido trouxe de volta uma cor forte e viva, algo que a impressão no tecido havia neutralizado. Apesar disso,

o plástico cumpriu o objetivo proposto de deixar a pintura levemente monocromática representando a citação de Itten, sobre enxergarmos o mundo com uma lente colorida, entretanto, nos futuros trabalhos busquei por outras soluções para essa representação.







*Figura 20 – Rostos impressos em tecido*





*Figura 21 – Rostos impressos em tecido cobertos por um plástico colorido*

## 7. Terceiro trabalho: Atmosferas

E a importância do trabalho [...] reside precisamente na tentativa de formular o mundo pela primeira vez, de captá-lo numa síntese intuitiva. Trata-se de uma experiência dramática em que à liberdade total se opõe uma vontade de ordem, mas uma ordem que brote da liberdade mesma. (GULLAR, 1985. p. 263)

Durante o processo de desenvolvimento da minha produção artística, percebi que rostos com intuito realista me traziam limitações no uso da cor. Decidi mudar o tema para ambientes e paisagens onde eu poderia explorar maiores combinações cromáticas, porém, já não estava mais interessada na representação visual do mundo em si, mas sim na utilização das cores como forma de expressão visual. Dessa forma, meus estudos práticos começaram a virar abstrações de locais reais ou imaginários. O objetivo visual foi criar atmosferas deixando um resquício de figuração, sendo que dessa forma, parte da informação está na imagem e a outra parte é gerada através de uma interpretação pessoal.

A cor e o movimento utilizando pinceladas soltas, porém fortes, tornaram-se presentes em minhas experimentações. A intenção foi de captar o mundo em uma síntese intuitiva.





*Figura 22 – Estudos e abstrações (2017)*

Abraham Palatinik, um artista cinético brasileiro, foi uma grande inspiração com suas pinturas abstratas repletas de movimento e ritmo. Os quadros possuem predominância de uma cor com variações. Criam dinamismo.



*Figura 23- W-222 (2008), Abraham Palatinik*



*Figura 24- W-383 (2012), Abraham Palatinik*



William Turner, pintor impressionista inglês, também foi um referencial através dos seus estudos de cor e luz. Seus quadros retratam paisagens utilizando manchas de cores que se mesclam, sendo uma abordagem que igualmente quis utilizar.



*Figura 25 - The Burning of the Houses of Parliament (1834-5),  
William Turner*



*Figura 26 - Rain, Steam and Speed - The Great Western Railway  
(1844), William Turner*

Paulo Miranda, artista brasileiro, também foi um referencial com suas obras que não abandonam inteiramente a associação de imagens do mundo. Nas suas pinturas predominam áreas cromáticas, com tons escuros e há bastante textura, ruído, resíduo e marcas.



*Figura 27 - Paulo Miranda (2000)*



*Figura 28 - Paulo Miranda (2000)*



*Figura 29 - Pinturas digitais selecionadas (2017)*

As pinturas digitais foram utilizadas como forma de planejamento para a execução da obra em outro meio material e selecionei apenas algumas pinturas dos meus estudos, que podem ser visualizadas na figura 29. Decidi repintar a série em acrílica sobre tecido, revivendo a experiência positiva do trabalho anterior relacionada a utilização avulsa de tecidos.

Dessa vez, ao invés de colocar um plástico colorido, inseri um pedaço de tule preto por cima. Observando vestidos de festa, percebi que o tule agregava maior valor as estampas dos vestidos, transformando uma vestimenta simples em algo sofisticado. Utilizei o tule para representar o mesmo véu, citado no trabalho anterior, existente no nosso olhar diante do mundo e diante de uma obra. Agora esse filtro, esse véu, representa não somente a particularidade visual de cada um diante da cor (produzindo nuances diferentes de um



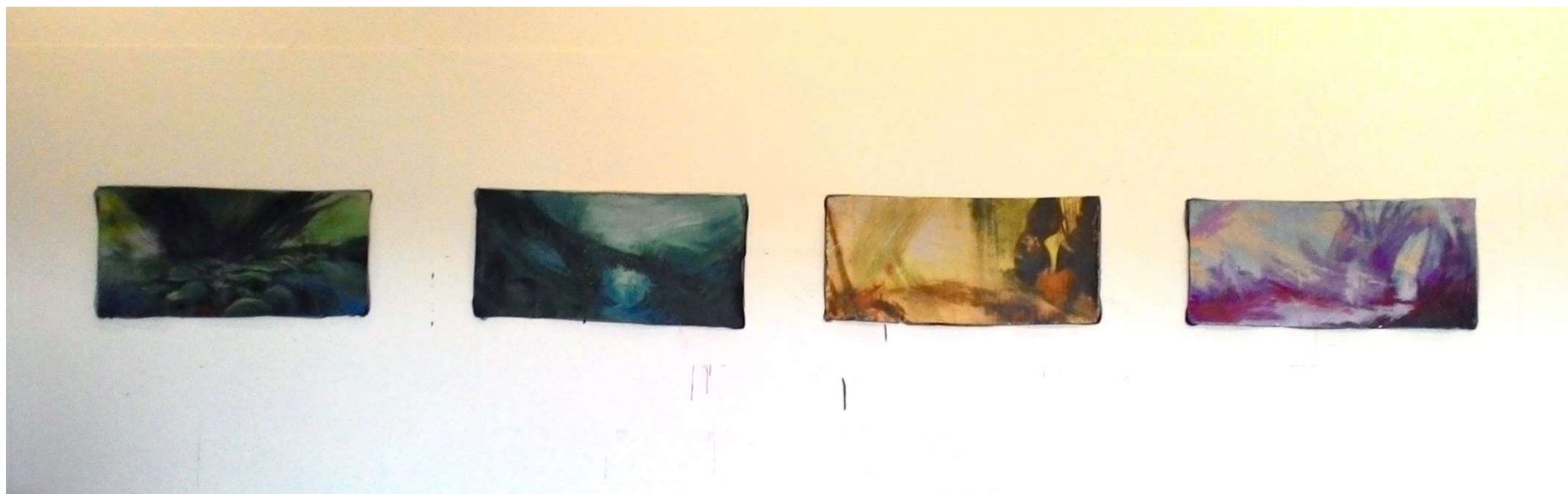
mesmo tom em nossos olhos), mas também a nossa limitação física que não nos permite enxergar todas frequências de cores, diminuindo nossas possíveis experiências visuais com o mundo. As partes da obra que são encobertas pelas finas linhas do tule, são regiões em que poderíamos ver cores, mas que o tule tampa. Somos privados da total experiência visual. Além disso, não só as partes encobertas pelas linhas que sofrem interferência, mas também toda os vazios não encobertos pelo tecido. Nossa visão aglomera todas as pequenas linhas em uma coisa só, e como resultado toda a imagem fica escurecida.

No resultado final, percebi que ter uma camada por cima de uma pintura gera uma vontade latente de levantá-la e visualizar as cores vivas que estão por baixo. O próprio conceito de véu significa aquilo que encobre, oculta, camufla. Assim como em noivas surge um desejo de ver o rosto por completo, levantando-se o véu nupcial, esse mesmo sentimento é gerado com o tule sobre a pintura. Porém, como no mundo não conseguimos ter a experiência completa de enxergar todas as frequências de onda, preendi o tule de forma que não é possível levanta-lo, deixando perdurar o incômodo.

A partir do resultado, questioneei a utilização de tecidos avulsos para a produção das pinturas subsequentes. O recorte dos tecidos não foi feito de forma totalmente simétrica, gerando vontade de mudar para tela. O tule adicionado na figura 31 agregou de forma positiva e trouxe um melhor acabamento as obras. Com isso, será mantido o uso do tule no próximo trabalho.



*Figura 30- Pinturas sem tule (2017)*



*Figura 31 - Pinturas com a adição do tule (2017)*



## 8. Visão psicológica

A partir das pinturas digitais, comecei a estudar a cor num âmbito psicológico. A preferência por determinadas cores revela muito sobre nosso estado de ânimo, que pode ou não se relacionar a um momento pelo qual passamos, indicando predisposições e comportamentos. Uma cor pode ser relacionada a um sentimento, a um acontecimento e pode despertar emoções. Está presente na simbologia, nos produtos que consumimos, na capacidade de construir uma ideia, facilita a comunicação entre as pessoas e pode aumentar a produtividade, eliminando ansiedade, angústia e depressão. A correta utilização das cores é um importante aliado para o equilíbrio dos ambientes, sendo gerador de bem-estar para aqueles que ocupam o espaço, afetando também, a nossa percepção de espaço e distância dos objetos. Cores influenciam em como percebemos o mundo, provocam sensações e lembranças únicas em cada indivíduo. Segundo Kandinsky (BARROS, 2006, p. 160), “As cores possuem um conteúdo intrínseco próprio, uma capacidade de agir como estímulo psicológico. Põe em vibração a alma humana. [...] Não estamos lidando com as propriedades físicas das cores, mas com seus efeitos em nós, suas tensões ou valores internos.” Cores modificam a forma como sentimos e vivemos cada momento.

O desenvolvimento de um trabalho utilizando cores requer a observação dos fatores psicológicos que influenciam a nossa atração e repulsão em relação a elas. A consciência da nossa subjetividade esclarece algumas limitações que podemos apresentar na elaboração de combinações de cores, ao mesmo tempo que revela nossas características expressivas e nossas qualidades.



## 9. Geração interna da cor

A maior descoberta de Goethe para o conhecimento das cores não estava lá fora, à luz do dia, mas no interior do próprio observador: a descoberta de que as leis da percepção cromática resultam de uma interação entre a natureza externa e a natureza interna do homem. Goethe entende o próprio homem participante do processo perceptivo e, portanto, participante do fenômeno da cor. Dessa maneira, volta sua atenção ao órgão visual para elaborar sua teoria: “[...] o olho se forma na luz e para a luz, a fim de que a luz externa venha ao encontro da luz interna. (BARROS, 2006, p. 272)

Goethe nos esclarece que é preciso, antes de tudo, sentir que somos parte desse fenômeno: as cores que enxergamos são uma decorrência da sensibilização do nosso órgão visual para determinados comprimentos de onda. Da mesma forma, essa sensação visual vem à nossa percepção carregada de associações psicológicas. Durante a produção de minhas imagens, observei as associações que eu gerava a partir das cores das minhas abstrações.



*Figura 32 – Pintura digital do conjunto Atmosferas*

A pintura digital da figura 32, elaborada no trabalho de Atmosferas, não foi feita a partir da realidade. Nela, cores e movimentos foram gerados de forma espontânea. Mesmo não tendo a intenção de produzir uma imagem figurativa, associo as cores com água e imagino o fundo do oceano. Olhando para a pintura, as cores azuis e verde me trazem a sensação de frio. Transporte minha mente para a visão de um mergulhador, que se

depara com rochas diagonais e uma fenda redonda entre elas. Sinto angústia de explorar o ambiente. Tensão. Percorro com os olhos cada canto da imagem a procura de algo incômodo que me cause pavor, mas não encontro. O que encontro é um caminho iluminado, me convidando a prosseguir e adentrar por meio das águas rumo ao desconhecido.

Todas as sensações emocionais e comparações com algo existente em nosso mundo, são feitas a partir de experiências passadas e de um referencial imagético pessoal. Eu nunca mergulhei no oceano, mas filmagens feitas desses locais, aumentaram meu vocabulário visual. Se alguma vez eu tivesse quase afogado, provavelmente essas cores somadas as associações realizadas por mim, trariam sentimentos ruins por conta de lembranças de uma má experiência. Assim como música pode ser associada a um período da vida em que você a ouvia, cores também trazem associações psicológicas particulares baseadas no nosso contato com o mundo e experiências durante a vida.

## **Percepção de mundo**

Segundo Clóvis de Barros<sup>3</sup>, um filósofo brasileiro, o mundo é aquilo que percebemos dele. Ninguém está no lugar em que estamos. Ninguém vê aquilo que vemos. Até quando estamos conversando, o mundo para você sou eu, e o mundo para mim é você. Então ele questiona: como ter certeza que estamos no mesmo mundo se cada um vê, sente e percebe um mundo diferente? Tudo o que

---

<sup>3</sup> Fonte: BARROS, Clóvis. O Mundo Percebido, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F145i5M-cO4>> Acesso em: 18 jan. 2018.



percebo no mundo, no fim das contas, percebo em mim. O mundo não passa do meu próprio corpo afetado pelo mundo. Quando toco alguma coisa, o que sinto é a minha mão e não o objeto. Quando cheiro, sou eu mesma quem produz o aroma. Quando bebo algo, é o meu paladar que dá gosto para a bebida. Assim também é a imagem, que forma através da luz refletida em nossos olhos. Como seria o mundo em outro corpo? Se tivéssemos mais olhos, se enxergássemos mais cores, se tivéssemos 10 sentidos no lugar de 5, o mundo seria completamente outro. Vemos o mundo com os sentidos que são nossos e com isso, aprendemos mais sobre nossa capacidade de ver as coisas, nosso próprio corpo, do que sobre as coisas em si. O mundo se torna um espelho e conta para nós coisas que sem ele, jamais saberíamos sobre nós mesmos. O mundo nos informa sobre o que nos afeta, o que nos traz medo, alegria, dor e esperança. Graças ao mundo, descubro a peculiaridade das minhas emoções e gostos. E quando percebemos alguma coisa no mundo, não é um encontro mecânico. Para perceber preciso de todos os sentidos do meu corpo, mas também as alegrias, tristezas e experiências vividas. E é por isso que quando estamos alegres, vemos o mundo diferente, porque não é só uma questão de ótica, é uma questão corporal. Ninguém sente o que sentimos. Ilhas afetivas, espaços de percepção particular, filmes assistidos somente por nós.

A cor da parede em frente à minha janela modifica-se em uma infinidade de nuances de tons de acordo com o horário do dia. O céu transforma constantemente suas cores transitando entre rosas, laranjas, amarelos, violetas e azuis admiráveis. A instabilidade da cor nos situa no tempo. Cada vez que somos confrontados com uma cor tentamos nos encontrar diante dela, sentir através de nossas percepções únicas. A cada nova experiência, são colocados em questionamentos as experiências anteriores, se contrapondo com opiniões adquiridas. Transformações constantes do "eu".

## Filosofia da percepção

Durante os séculos os filósofos debateram sobre a nossa percepção de mundo. Refletiram sobre a validade das experiências sensoriais e questionaram se conhecemos o mundo tal como ele realmente é. Experimentamos o mundo ao redor através dos nossos órgãos sensoriais, nossos cinco sentidos e para o filósofo Descartes, qualquer conhecimento adquirido pelos sentidos era descartável e não confiável chegando a acreditar que confundimos inclusive o que é sonho ou realidade. Na busca pelo conhecimento verdadeiro, Descartes deu origem ao Racionalismo.<sup>4</sup> O filósofo britânico John Locke fez uma observação<sup>5</sup> de que a água em um recipiente pode parecer fria ou quente, dependendo da temperatura inicial da mão do observador. Se a mão está inicialmente quente, colocando-a na água desse recipiente, ela parecerá fria. Se a mão está fria, agora a água do recipiente parecerá quente. Frio e calor não estão na água, mas são qualidades de estado do sujeito que experimenta. Para Locke, portanto, existem as qualidades primárias efetivamente presentes no objeto e as secundárias, que resultam de o objeto produzir sensações em nós. Entre as qualidades primárias encontram-se o volume, o número, o movimento e a forma dos objetos, já entre a secundária estão a cor, o gosto, o som e o cheiro dos mesmos. De acordo com esse conceito, as qualidades primárias refletem a natureza real do mundo, e as secundárias dizem respeito as características subjetivas que devem ser questionadas. Entretanto para outros filósofos como o irlandês George Berkeley, o mundo físico é inteiramente produto da mente. “Ser é perceber”. Levado ao extremo conduz a ideia de que só a nossa mente existe e de que o restante são apenas percepções, sendo essa corrente chamada de solipsismo. Outra abordagem existente é a do filósofo Merleau-Ponty que diz que o corpo não é um

---

<sup>4</sup> Racionalismo foi uma corrente filosófica baseada na crença de que somente o pensamento por meio da razão é capaz de atingir a verdade absoluta, sendo essa a principal fonte de conhecimento.

<sup>5</sup> SEKULER, Robert; BLAKE, Randolph. Perception, 3ª ed. McGraw-Hill, Nova Iorque, 1994, p. 8-11

objeto como outro qualquer no mundo, mas sim o meio de comunicação com o mesmo, como horizonte da experiência. “Nosso próprio corpo está no mundo, como o coração está em nosso organismo: ele mantém o espetáculo visível constantemente vivo, ele sopra vida para dentro e o sustenta de fora para dentro; juntos eles formam um sistema” (MERLEAU-PONTY, 1996, p.17). Dessa forma, mundo e observador estão interligados. Para compreender a percepção do mundo tão bem quanto possível, temos de estudar não só as propriedades do mundo físico, mas também as propriedades do observador.



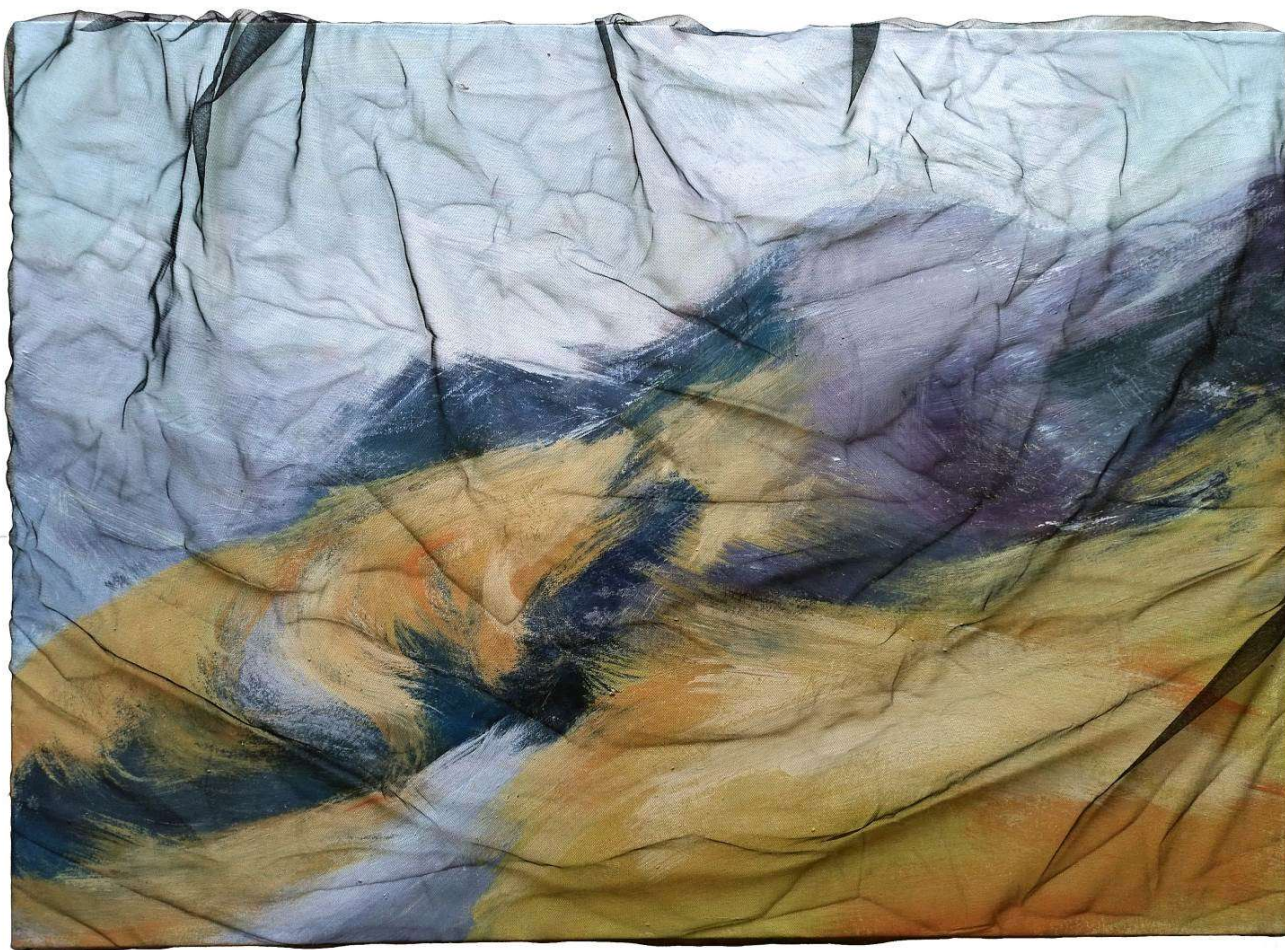
Figura 33 - Imagem do pato-coelho utilizada pelo filósofo austríaco Wittgenstein para demonstrar a ambiguidade da percepção, que por sua vez gera uma linguagem imprecisa. O animal da figura pode ser um coelho ou um pato. Um exemplo de “percepção mutável”.



## 10. Quarto trabalho: Relevô

Durante a pesquisa sobre de percepção individual do mundo, desenvolvi o trabalho Relevô. Nele eu prossigo com as explorações visuais presentes no trabalho Atmosferas. São abstrações da realidade misturadas com pinceladas soltas e marcantes. Amplio o significado da utilização do véu e agora nele está presente também as associações psicológicas de experiências passadas transportadas para o momento da observação.

Coloquei o tule preto que dessa vez não apenas cobre a pintura, mas interage com ela. Criei dobras com o tecido de forma que ele se projete para fora do quadro, criando um novo ângulo de visão. Uma pintura tridimensional. Formas ondulares e linhas pretas que participam da pintura, seguem o fluxo das pinceladas e trazem mais informações para a obra. De cada ângulo é possível enxergar novas curvas. Uma nova perspectiva, um novo olhar, mostrando que cada pessoa pode ver o mundo de uma forma diferente. Experimentar através de um ponto de vista único. E assim como mudamos nossa percepção através de novas experiências, o tecido não está fixado e imutável. É possível modificar suas formas e ondas, transformando em uma nova experiência visual.



*Figura 34- Relevo 1 – Acrílica sobre tela, 50x70 (2018)*





*Figura 35 – Detalhes do Relevo 1*





*Figura 36 - Relevo 2, Acrilica sobre tela, 50x70 (2018)*





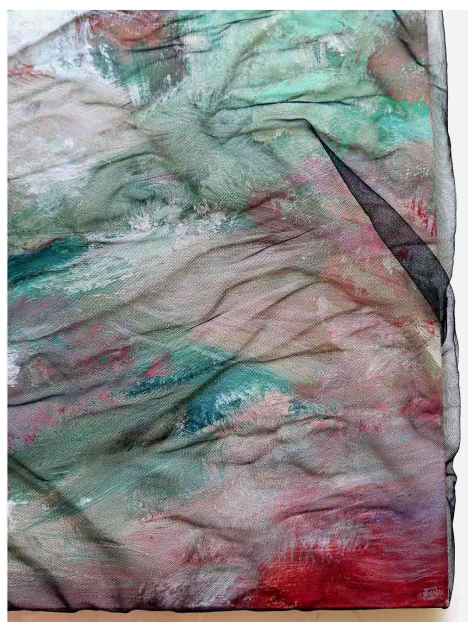
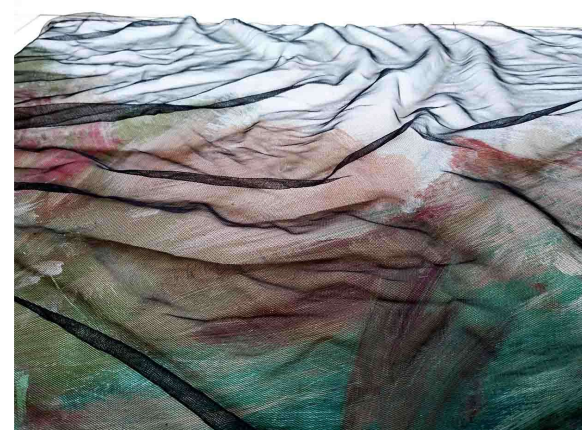
*Figura 37 – Detalhes do Relevo 2*



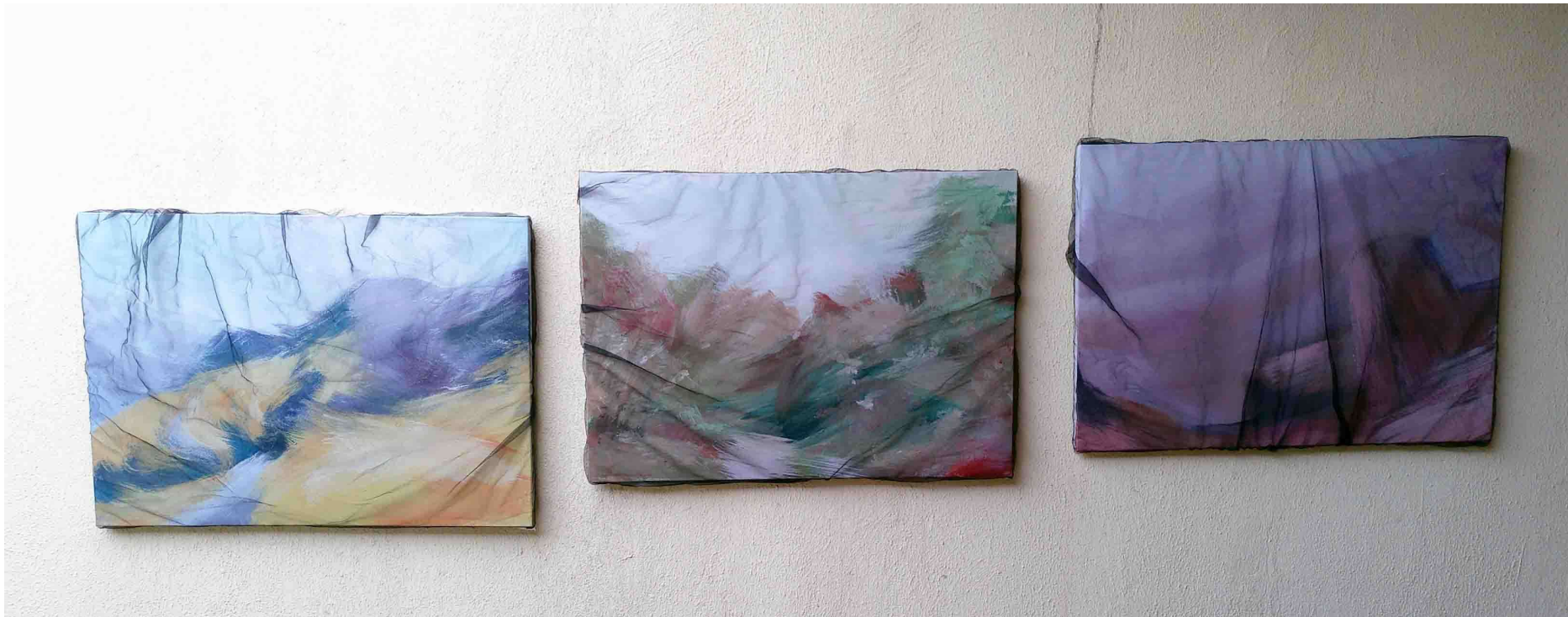


*Figura 38 -Relevo 3, Acrilica sobre tela, 50x70 (2018)*





*Figura 39 – Detalhes do Relevo 3*



*Figura 40 – Os três Relevos reunidos*





*Figura 41 – Os três Relevos reunidos - lateral*

Helio Oiticica, artista brasileiro, foi um referencial para mim com suas obras tridimensionais, onde de cada ângulo é possível ter uma nova perspectiva. Sua proposta é que o espectador participe da obra, saia do seu lugar estático e ande, movimente-se. Assim como nas obras do Daniel Buren, artista francês, que utiliza padrões que se modificam de acordo com o ponto de vista, fazendo com que haja interação do espectador com a obra.



*Figura 42 - Grande Núcleo (1960), Hélio Oiticica*





*Figura 43 - Pyramidal (2017), Daniel Buren*



## 11. Considerações finais

*A experiência da cor, elemento exclusivo da pintura, tornou-se para mim o eixo do que faço, a maneira pela qual inicio uma obra.<sup>6</sup>*

Os quatro trabalhos apresentados seguiram um fluxo de raciocínio e criação onde as pesquisas e as explorações visuais foram somadas. A cada novo raciocínio, as pinturas foram modificadas e adaptadas para o novo contexto. Passaram por uma evolução. A cor é o tema central presente em todos os trabalhos e através do estudo do universo da cor, desenvolvi soluções visuais para expressar meus pensamentos.

Começando pela “Paleta Restrita”, abordei a questão do daltonismo e fiz pinturas utilizando apenas duas cores para experimentar o mundo com um olhar limitado. Após estudar conceitos físicos da cor, apresentei em “Singularidade” a primeira versão do véu representando nossas particularidades físicas, que fazem com que as diferenças visuais não sejam apenas em relação aos daltônicos, mas também em relação a todos os indivíduos. Em “Atmosferas”, saí da representação figurativa e o véu teve o seu sentido ampliado. Agora ele também representa a limitação física de não podermos enxergar outras frequências. Em “Relevo”, abordo que não só as cores nos afetam, mas nós como participantes da criação das cores, também modificamos a percepção interna de cada uma delas. Geramos

---

<sup>6</sup> Hélio Oiticica. *Aspiro ao grande labirinto*. 5 de outubro de 1960. Página 23

associações psicológicas que somadas com as limitações e diferenças físicas, torna ainda mais particular a experiência do espectador diante de uma obra.

Diante do fato de que somos únicos internamente tanto no físico, quanto na mente, busco questionar com o meu trabalho final o preconceito existente com o gosto e a visão de mundo das pessoas ao nosso redor. De forma geral, projetamos o que sentimos, o que pensamos, querendo que todos concordem com nossas opiniões. Baseados nas próprias experiências, analisamos o sentimento e as decisões de outros indivíduos. No campo da subjetividade nenhum ser humano experimenta o mundo igualmente. Temos pontos de vistas diferentes, percepções únicas do mundo. Corpos distintos, com um véu em cada olhar.

## 12. Referências:

ALBERS, Josef. **A interação da cor**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009

BARROS, Lilian. **A cor no processo criativo**. Senac São Paulo, 2006.

BATCHELOR, David. **Cromofobia**. Senac São Paulo, 2007.

CORRÊA, Marcelo. **Laboratório de cor: paradigmas do estudo da cor na contemporaneidade**. Tese de Mestrado UFMG 2013.

GULLAR, Ferreira. **Etapas da arte contemporânea**. São Paulo: Nobel, 1985.

ITTEN, Johannes. **The Art of Color: the subjective experience and objective rationale of color**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1973.

MAIA, L.P.M. **Mecânica**. Livraria Nobel, 1960 .

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. De Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NETO, Francisco. **A importância das cores**, 2013. Disponível em: <<http://www.forumdaconstrucao.com.br/conteudo.php?a=5&Codigo=922>>

Acesso em: 08 jun. 2018.

OITICICA, Helio. **Aspiro ao grande labirinto**. Editora Rocco, 1986.

PASTOUREAU, Michel. *Dictionnaire des couleurs de notre temps*. Christine Bonneton, 1992.

PEDROSA, Israel. **Da Cor a Cor Inexistente**, Senac São Paulo, 2009.

SAGAN, Carl. **Bilhões e Bilhões na virada do milênio**, Editora Schwarcz, 1997.

SEKULER, Robert; BLAKE, Randolph. **Perception**, 3ª ed. McGraw-Hill, Nova Iorque, 1994.

TUGNY, Augustin. **Regimes da Cor**. Tese de Doutorado UFMG, 2010.

### Vídeos:

AreyouCrazy?. **2 Gas Torch Vs Padlock** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FHkax77tgEA>> Acesso em: 28 de maio de 2018.



BARROS, Clóvis. **O Mundo Percebido**, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F145i5M-cO4>> Acesso em: 18 jan. 2018.

IRIGOYEN, Rafael. **Física - Ondas e luz: ondas e espectro eletromagnético**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=coVfbENnzIM>> Acesso em: 28 de maio de 2018.